Dia 16 — São Quirico e Santa Julita, Mártires

Foi Santa Julita uma senhora jovem cristã, de casa ilustríssima e muito distinta na Ásia, como descendente de seus antigos reis; mas mais respeitada por sua eminente virtude que por seu nobilíssimo nascimento. Nasceu em Icônio, hoje Cogni, capital da Licaônia, onde São Paulo e São Barnabé haviam pregado a fé de Jesus Cristo com tanto fruto e com tão feliz sucesso. Tendo-se casado com um cavaleiro da primeira qualidade, como correspondia a sua nobreza, foi sua virtude exemplo das senhoras cristãs, acrescentando sua modéstia novo e luzido realce a todas as demais prendas que a adornavam; de maneira que parecia como o original do belo retrato da mulher forte que pinta o Sábio na sagrada Escritura.

Era uma de suas primeiras atenções o cuidado de estreitar cada dia mais e mais a casta união com o esposo que o céu lhe havia destinado e o de conservar a paz e o bom governo em toda a família, sendo esta sua ordinária e principal ocupação. Humilde sem artifício, modesta sem afetação, vestida com a decência correspondente a sua classe, mas sem ostentação e profanidade, inspirava apreço e veneração da virtude a quantos a conheciam e a tratavam. Por outra parte fazia-se admirar e até adorar pela afabilidade com que se irmanava com todos e pelo peso, prudência e discrição que acompanhava todas as suas palavras. Nem era a menor de suas virtudes a exatidão com que pagava o salário a seus criados e o amor com que os socorria em suas necessidades. Sua caridade com os miseráveis lhe mereceu o nome de mãe dos pobres, ganhando-lhe o coração de todos os necessitados. O tempo que lhe deixavam livre as obrigações domésticas, empregava-o no trabalho, na oração e em outras devoções.

Tal era Julita quando, querendo Deus aperfeiçoá-la com os trabalhos e propô-la à Igreja como uma mulher verdadeiramente forte, levou-lhe o marido na flor da idade, deixando-a viúva aos vinte e dois anos, sem mais filhos que um menino chamado Quirico, único fruto de seu matrimônio, que ainda estava no berço. Livre das cargas de casada, dedicou-se inteiramente a desempenhar as obrigações do novo estado, sobressaindo no exercício de todas as virtudes que pede às viúvas o Apóstolo.

Foi sua principal atenção criar o menino Quirico no santo temor de Deus, inspirando-lhe desde logo aquelas máximas cristãs que o fizeram tão ilustre mártir ainda sem ter saído dos primeiros anos da meninice. Mal sabia falar e já sabia que coisa era ser cristão. Todo o seu gosto era ser instruído na religião e aprender de memória seus preceitos. Correspondia perfeitamente às piedosas inclinações do filho o zelo da santa mãe. Nunca lhe falava senão do culto divino e dos princípios do Evangelho.

Tinha só três anos o menino Quirico quando os imperadores Diocleciano e Maximiano publicaram seu cruel edito contra os cristãos, empenhados em exterminá-los de todo o império. O governador da Licaônia, chamado Domiciano, foi um dos ministros que se mostraram mais zelosos em sua pontual execução, e foi geral a consternação em toda a província. Nas praças públicas não se viam mais que cavaletes, potros, forcas e cadafalsos, nem se falava de outra coisa que de suplícios e de tormentos. Desejava Julita com vivas ânsias derramar seu sangue por amor de Jesus Cristo, havendo muito tempo que suspirava pelo martírio; mas achava-se embaraçada com a sorte de seu filho, temendo que lhe fosse arrancado dos braços e o criassem na religião pagã. Resolveu, pois, pôr-se a coberto da tempestade por algum tempo e deixou a cidade e a província acompanhada só de duas criadas suas. Abandonando, pois, sua casa, suas comodidades e todos os seus grandes bens por salvar sua fé e a de seu filho, retirou-se a Selêucia, na província da Isáuria; asilo pouco seguro, por estar mais acesa a perseguição naquela província que na de Icônio. Seu governador Alexandre, ainda mais cruel que Domiciano, perseguindo furiosamente os cristãos, satisfazia sua ambição e seu despique, porque a um mesmo tempo lisonjeava os imperadores e contentava a aversão pessoal que professava ao cristianismo. Obrigada Julita a buscar abrigo mais seguro, apesar da fadiga e das incomodidades de uma viagem tão longa como penosa, refugiou-se em Tarso da Cilícia; mas o Senhor, que a queria provar e premiar ao mesmo tempo sua fé, permitiu que a fossem seguindo ali seus perseguidores.

Não bem havia chegado à dita cidade quando o imperador despachou uma ordem a Alexandre, governador da Isáuria, para que passasse a Tarso com comissão particular de pôr em execução o edito contra os cristãos, mandando-lhe expressamente na instrução que a nenhum perdoasse. Conheceu então nossa santa que Deus queria cumprir seus desejos e que havia chegado o tempo de consumar seu sacrifício; pelo que suplicou fervorosamente a Sua Majestade que se dignasse aceitar também a terna vítima que lhe oferecia com ela, não permitindo que seu querido filho lhe sobrevivesse; oração que foi benignamente ouvida e favoravelmente despachada. Logo que chegou o governador, foi acusada em seu tribunal a jovem viúva como cristã e, fazendo-a prender, foi levada a sua presença com seu filho nos braços, sem mostrar a santa alteração nem sobressalto.

Informado Alexandre de sua alta qualidade, recebeu-a com muita cortesia e somente lhe perguntou se era cristã: «Sou», respondeu Julita; «e também meu filho o é.» «Admiro-me, replicou o governador, de que uma senhora de teu nascimento, de teus anos, de tuas prendas e de tua capacidade se tenha deixado infatuar das extravagâncias dessa religião.» «Mais me admiro eu (repôs a santa) de que um homem que tenha não mais que uma leve tintura de razão possa abandonar-se aos absurdos e às infâmias do paganismo. As que vós chamais extravagâncias na religião cristã são umas máximas nas quais reina a verdadeira sabedoria, o bom juízo e a verdade: nem sequer vós ignorais que só nesta religião se encontram a inocência, a honra e a virtude.» «Muito menos ignorais vós (replicou o governador, cego já de cólera) que os tormentos se fizeram no mundo para os cristãos»; e, dizendo estas palavras, mandou que lhe arrancassem o filho dos braços e logo a pusessem no potro. Sentiu mais Santa Julita a violenta separação de seu filho que o tormento que lhe iam aplicar. Suas duas criadas, possuídas do medo, haviam-na abandonado desde o princípio; mas, recobradas do primeiro pavor, voltaram logo a misturar-se entre a multidão, para ver de longe os tormentos que padecia sua ama.

Era o ânimo do governador aterrar os cristãos com esta primeira execução, e assim foi verdadeiramente cruel. Descarregaram uma espessa chuva de açoites com vergas sobre o delicado corpo da santa, a cujos furiosos golpes corriam por todas as partes arroios de sangue, ficando seu formoso corpo espantosamente destroçado.

O menino enquanto isso, vendo-se separado de sua mãe, começou a chorar e a gritar, fazendo quantos esforços podia para voltar a ela e para desembaraçar-se dos que o tinham em seus braços. Vendo-o tão vivo e tão formoso, mandou o governador que lho levassem; pô-lo sobre os joelhos para acalmá-lo; começou a afagá-lo e acariciá-lo, aplicando a boca para dar-lhe um beijo; mas o menino virou a cabeça, afastou-lhe o rosto com suas mãozinhas e, fazendo quanto podia para soltar-se dele, dava-lhe pontapés e arranhava-o com suas unhazinhas. Por mais diligências que fez o governador para que não olhasse sua mãe, nunca o pôde conseguir, voltando sempre o menino seus olhinhos para ela e gritando continuamente como a mesma mãe: «Eu sou cristão, eu sou cristão.» Irritado Alexandre com estes gritos e furioso de ver-se tão burlado, entrou em tão descomposta cólera que, pegando o terno infante por uma perna e dizendo brutalmente: «Já que és cristão como tua mãe, perecerás com ela», estrelou-o com raivosa violência contra o pavimento do tribunal, fazendo-se em pedaços a cabecinha no primeiro degrau, esparramados os miolos pelo chão e enchendo-se todo ele daquele inocente sangue; desumanidade que detestaram com horror todos os assistentes, desafogando num surdo murmúrio sua justa indignação. Só Julita viu com olhos enxutos aquele glorioso espetáculo; e, manifestando aos gentios quanto a havia elevado a graça de Jesus Cristo sobre os movimentos da natureza, conservou-se banhada de um gozo celestial, rendendo em alta voz graças ao céu porque se havia dignado coroar antes que a ela seu dulcíssimo filho.

Ouviu Alexandre, como todos os demais, esta oração; e, à vista do generoso desprezo que fazia da morte, desenganou-se de que nenhum tormento seria capaz de dobrá-la. Não obstante, por exercitar sua crueldade, mais que por entreter sua esperança, mandou que a voltassem ao potro; que lhe despedaçassem os flancos com unhas aceradas; que lançassem pez derretido sobre seus delicados pés; e, enquanto o pregoeiro a exortava em alta voz a que sacrificasse aos ídolos, a santa, levantando muito mais a sua, gritava: «Eu sou cristã.»

Toda desconjuntada, despedaçada e abrasada, não alentou o menor suspiro nem abriu a boca senão para dar testemunho da divindade de Jesus Cristo e para declarar que os ídolos a quem queriam que oferecesse sacrifícios eram só uns vis instrumentos do demônio para enganar os homens miseravelmente. Ameaçaram-na com que seria tratada como seu filho, e ela exclamou: «Ah, se desejo com ânsia alguma coisa, é ter parte em sua ventura e caminhar quanto antes a fazer-lhe companhia na glória!» O silêncio, o ar e todo o exterior dos concorrentes davam bem a entender a admiração e assombro com que olhavam a magnanimidade daquela jovem senhora e a alta ideia que concebiam de sua santa religião; o que, advertido pelo governador, determinou tirá-la quanto antes da vista e mandou que lhe cortassem a cabeça. Não pôde dissimular sua extraordinária alegria logo que ouviu a sentença; e, como era seu maior empenho que triunfasse a fé de Jesus Cristo no meio dos tormentos, gritando sem cessar que era cristã, os verdugos meteram-lhe na boca uma grande bola para que não pudesse falar enquanto a conduziam ao lugar do suplício. Chegando a ele, pediu-lhes que lhe concedessem um curto espaço de tempo para fazer oração; pôs-se de joelhos; deu graças a Deus por haver levado para si seu querido filho; suplicou-

lhe que se dignasse admitir o sacrifício que lhe fazia de sua vida; levantou docemente os olhos ao céu e, estendendo seu pescoço ao verdugo, este de um golpe lhe separou a cabeça e consumou seu martírio com tão gloriosa morte no dia 16 de junho pelos anos de 305.

De noite foram as duas criadas suas a retirar o santo corpo e o de seu filho São Quirico, e os enterraram num sítio do território de Tarso, a bastante distância do lugar de seu martírio; e, havendo vivido uma delas até que o grande Constantino, dezoito anos depois, deu a paz a toda a Igreja, descobriu o precioso tesouro que havia escondido; e, acudindo todos apressadamente a venerar as santas relíquias, fez-se desde então célebre seu culto em todo o Oriente. Diz-se que, tendo feito uma viagem àquelas partes Santo Amador, bispo de Auxerre, trouxe consigo os corpos de São Quirico e Santa Julita e colocou-os numa igreja que teve depois sua mesma invocação. O certo é que as muitas igrejas que há na França dedicadas a estes dois santos persuadem bastante que suas relíquias se repartiram entre várias, como em Toulouse, em Clermont, em Arles e singularmente em Nevers, que tem por padroeiro São Ciro.

Santo Aureliano, Bispo e Confessor

Entre os prelados célebres que floresceram na igreja da França no século VI foi um Santo Aureliano, bispo de Arles, de quem ignoramos sua origem, seus progressos na carreira literária e seus feitos pela negligência dos sábios de seu tempo que, podendo recopilar estas e outras memórias, defraudaram a posteridade de tão preciosos monumentos.

Sabemos que, pelo conhecimento de sua eminente virtude e de seus sobressalentes talentos, foi elevado no ano 546 à sé metropolitana de Arles, logo que ficou vaga por morte do bispo Auxânio, sucessor do célebre São Cesário. O papa Vigílio, que governava então a cátedra apostólica, querendo dar-lhe provas evidentes de quanto aprovava sua eleição e manifestar-lhe o apreço que fazia de sua grande sabedoria e ardoroso zelo pela religião e disciplina eclesiástica, enviou-lhe o pálio e condecorou-o com a jurisdição vicária da Santa Sé em todo o reino de Childeberto, filho de Clóvis, que reinava nesta parte da monarquia, chamada Nêustria ou França Ocidental, e uma porção do reino da Borgonha, aonde se estendia a metrópole de Arles. Embora Aureliano não se distraísse jamais do particular cuidado que devia pôr no boa ordem de sua diocese, valendo-se da autoridade concedida pelo romano pontífice, aplicou toda a sua reputação e sabedoria à consecução do bem público e ao estabelecimento de vários cânones interessantes na melhor polícia e governo da Igreja. Assim o acreditou no concílio que se celebrou em Orleans no ano 549, convocado dos três reinos da França a solicitação do rei Childeberto no ano 39 de seu reinado, no qual presidiu em virtude de suas faculdades, segundo opinam vários críticos, embora outros atribuam a presidência deste sínodo a Sardo ou Sacerdote, bispo de Lião; tendo grande parte no que ali se determinou acerca da reforma de costumes e disciplina eclesiástica. Também soube aproveitar-se utilmente e com muita discrição da estima que dele fazia Childeberto para erigir vários monumentos de piedade, memoráveis entre eles os dois mosteiros que edificou em Arles, um para homens e outro para as virgens consagradas a Deus, aos quais deu com muita prudência e sabedoria uma dupla regra que temos no código das que recopilou Holstênio, onde parece que aumentou alguns artigos sobre a de São Cesário, seu predecessor.

Agitava-se no tempo deste insigne prelado a questão dos três capítulos, que miravam à pessoa de Teodoro, bispo de Mopsuéstia, que havia sido mestre de Nestório; à carta de Ibas, bispo de Edessa; e à resposta de Teodoreto, bispo de Ciro, contra os anatematismos de São Cirilo; empenhou-se o imperador Justiniano na condenação destes três capítulos, sem muita necessidade; resistia-lhe o papa Vigílio, temendo debilitar a autoridade do concílio de Calcedônia, que havia recebido em sua comunhão a Ibas e a Teodoreto e que nada ordenou contra a memória de Teodoro, ainda quando se leram nele os escritos destes três prelados. Os bispos da África, que se mostravam mais ardentes que todos, recusavam receber o edito de Justiniano; os da França, embora mais moderados, não criam dever estar indiferentes num negócio de tanta gravidade. Com este motivo escreveu Aureliano a Vigílio sobre a suspeita que tinham formado alguns prelados de sua condescendência com o imperador; mas Sua Santidade lhe respondeu, assegurando-lhe que jamais permitiria coisa contrária à doutrina dos quatro concílios, Niceno, Efesino, Constantinopolitano I e de Calcedônia, nem às determinações de Celestino, Sisto e Leão, seus predecessores; ordenando-lhe além disso que empregasse sua reputação junto ao rei Childeberto, a fim de que mostrasse sua solicitude em favor da Igreja de Deus e impedisse com seu poder que Totila, rei dos godos, que havia tomado Roma e saqueado a cidade, fizesse padecer os católicos, porquanto fazia profissão da heresia ariana.

Finalmente, este insigne prelado, distinguidíssimo pela defesa que sempre fez da religião católica e pelos estabelecimentos utilíssimos para o melhor regime da Igreja, com cujo elogio o recomenda o Martirológio Galicano, morreu cheio de merecimentos pelos anos 551, no dia 16 de junho, em Lião, na França, embora os escritores não nos digam o motivo de seu trânsito àquela cidade; onde se celebra sua memória no mesmo dia, e no seguinte na de Arles, por estar impedido o 16 com a festa de São Quirico e Julita nesta igreja.

Alguns confundem este prelado com outro Aureliano, bispo de Lião, mas sem fundamento, por não achar-se este colocado no catálogo dos santos como o de Arles; cujas relíquias se acharam em Lião no reconhecimento que se fez das existentes na igreja de São Nizier por Hugo, bispo Tabariense, em virtude de comissão, no ano 1303 , terceiro do pontificado de Clemente V, para mais decente colocação das depositadas naquele templo. Leem-se na lápide de mármore do sepulcro de Santo Aureliano de Arles vários versos expressivos de seus louváveis feitos e tempo de seu pontificado.

Martirológio Romano

Em Besançon, os santos mártires Ferréolo e Ferrúcio, diácono, que, enviados pelo santo bispo Ireneu a pregar a divina palavra, padeceram muitas espécies de tormentos, sendo por último degolados.

Em Tarso da Cilícia, os santos mártires Ciro e Julita, sua mãe, no tempo de Diocleciano. Ciro, menino de três anos, vendo sua mãe cruelmente açoitada com vergas diante do juiz Alexandre e chorando-a desconsolado, foi morto a cabeçadas contra os degraus do tribunal. Quanto a Julita, depois de cruéis açoites e horríveis tormentos, consumou seu martírio pela degolação.

Em Mogúncia, o martírio de Aura, Justina, sua irmã, com outros mártires mortos atrozmente na igreja pelos hunos que assolavam a Alemanha durante a celebração dos santos mistérios.

Em Amatunte, em Chipre, Santo Ticão, bispo, do tempo de Teodósio, o Jovem.

Em Lião, na França, o falecimento de Santo Aureliano, bispo de Arles.

Em Nantes, na Bretanha, São Similiano, bispo e confessor.

Em Meissen, na Alemanha, São Bennon, bispo.

No Brabante, Santa Lutgarda, virgem.

Em Lalouvesc, aldeia da antiga diocese de Viena, no Delfinado, a festa de São João Francisco Regis, da Companhia de Jesus, varão de admirável caridade e paciência pela salvação das almas. Foi posto no número dos santos pelo papa Clemente XII.

Em Rufey, no Franco-Condado, o martírio de Santo Antide, bispo de Besançon.

Em Chaumont, perto de Rocroi, São Bertão, confessor.

Em Viena, São Domnolo, bispo, cuja principal ocupação era o resgatar cativos.

Em Avranches, Santo Auberto, bispo, fundador, segundo Sigeberto, da igreja de São Miguel do Monte, onde foi enterrado à sua morte.

Perto de Spoleto, São Felo, confessor.

Em Soana, na Toscana, São Mamiliano, bispo de Palermo.

Em Salzburgo, o venerável Gebardo, arcebispo da dita cidade, fundador da igreja de Admont.

Missa (oração)

A missa é da dominga precedente, e a oração é a que se segue:

> **Latim:** *Deus, qui nos concedis sanctorum martyrum tuorum Cyrici et Julitæ natalitia colere: da nobis in æterna beatitudine de eorum societate gaudere. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que nos fazeis a graça de celebrar o martírio dos santos mártires Quirico e Julita, concedei-nos que gozemos também em sua companhia a eterna bem-aventurança. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro do Eclesiástico.

Eclesiástico 31,5-8

> **Latim:** 5 Qui aurum diligit non justificabitur, et qui insequitur consumptionem replebitur ex ea. 6 Multi dati sunt in auri casus, et facta est in specie ipsius perditio illorum. 7 Lignum offensionis est aurum sacrificantium : væ illis qui sectantur illud ! et omnis imprudens deperiet in illo. 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris.

Português: 5 Aquêle que ama o ouro, não será justificado: E aquêle que vai no alcance da corrupção, será cheio dela. 6 Muitos deram quedas por causa do ouro, e na vista refulgente dêste consistiu a perdição daqueles. 7 Lenho de tropêço é o ouro dos que lhe fazem sacrifícios: Ai daqueles que vão após dêle, e todo o imprudente perecerá por êle. 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros.

Nota

«Foi composto o livro intitulado Eclesiástico por Jesus, filho de Sirac, à imitação dos Provérbios que compôs Salomão. Deram-lhe os antigos um nome que significa toda virtude, porque nenhuma há para cujo exercício não se deem admiráveis regras neste excelente livro; sendo uma doutrina geral que combate todos os vícios, regula os costumes e conduz como pela mão à prática de todas as virtudes.»

Reflexões

Sendo as riquezas benefício do Senhor, nenhuns deveriam servir a Deus com maior reconhecimento nem com mais fidelidade que os ricos. Sempre havia de triunfar a virtude no meio

da abundância; o que tem mais meios para santificar-se havia de ser mais santo. Mas sucede tudo o contrário; não costumam ser mais cristãos os mais ricos nem os mais acomodados. A opulência isenta das misérias da terra; mas isenta porventura das leis do Evangelho? O que logrou mais bens de fortuna que outros goza por isso de algum privilégio para ser menos ajustado, menos piedoso que os demais? Pergunta, na verdade, dissonante e ofensiva; mas não há sobrados motivos para fazê-la? A licença de costumes, certa liberdade no coração e no entendimento que se aproxima muito de uma espécie de irreligião; aquela conduta pouco cristã que se observa na maior parte dos que se chamam ricos, grandes e ditosos do século: não dá bastante motivo para perguntar se os nobres, se as senhoras, se os ricos logram algum privilégio que os dispense na severidade da lei cristã? Se a desigualdade de fortunas supõe alguma diversidade ou alguma isenção dos mandamentos nos que professam uma mesma religião? Mas quem poderá duvidar de que estas leis são universais, senão o que ignore os primeiros princípios do cristianismo? Não há mais que um Evangelho; não pode haver mais que uma moral; são invariáveis as máximas de Jesus Cristo; não há condição, não há pessoa que possa isentar-se delas. Com todos falam os mandamentos da lei de Deus; com o nobre como com o oficial; com a dama mais delicada como com o mais grosseiro lavrador; todos devem seguir a Cristo levando sua cruz; todos hão de macerar seu corpo, mortificar seus sentidos, humilhar sua altivez, abater o espírito e o coração, se hão de ser seus discípulos. Não há idade, não há sexo, não há estado, não há emprego, não há classe, não há condição que dispense nesta pureza tão exata, neste regramento tão severo, nesta virtude indispensável a todos os cristãos: «Sou cristã», dizia Santa Blandina; «e assim não vos deveis admirar de que não apareça no teatro, de que não concorra a vossas festas, de que tenha horror a tudo o que é contrário à lei santa de Deus.» Achar-se-ão hoje no mundo muitas senhoras que possam dizer o mesmo com verdade? «É razão, diz-se, que se divirta a gente moça; as pessoas de certa qualidade, as de comodidades, as que estão colocadas em certa visibilidade, em certa classe, não podem deixar de acomodar-se ao gosto, às modas, ao espírito e máximas do mundo.» Mas digamos: em qual dos livros sagrados, em que capítulo da moral de Jesus Cristo, em que parte do Evangelho se dispensa nas obrigações comuns a todos os cristãos, aos nobres, aos cavaleiros e aos ricos? Que conceito se faria de nossa religião, se todos os que a professam, pouco mais ou menos, houvessem de lograr a mesma sorte, vivendo sujeitos a umas mesmas leis e havendo entre eles tanta diferença de costumes? Hão de acompanhar-nos e hão de seguir-nos nossas obras; pois desenganemo-nos: é mister viver como cristãos para conseguir a ventura dos santos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 7 de São Lucas.

Lucas 7,11-16

> **Latim:** 11 Et factum est : deinceps ibat in civitatem quæ vocatur Naim : et ibant cum eo discipuli ejus et turba copiosa. 12 Cum autem appropinquaret portæ civitatis, ecce defunctus efferebatur filius unicus matris suæ : et hæc vidua erat

> : et turba civitatis multa cum illa. [13] Quam cum vidisset Dominus, misericordia motus super eam, dixit illi : Noli flere. [14] Et accessit, et tetigit loculum. (Hi autem qui portabant, steterunt.) Et ait : Adolescens, tibi dico, surge. [15] Et resedit qui erat mortuus, et cœpit loqui. Et dedit illum matri suæ. [16] Accepit autem omnes timor : et magnificabant Deum, dicentes : Quia propheta magnus surrexit in nobis : et quia Deus visitavit plebem suam.

Português: [11] E aconteceu isto: no dia seguinte caminhava Jesus para huma cidade chamada Naim: e lião com elle seus discípulos, e muito povo. [12] E quando chegou perto da porta da cidade, eis-que levavão hum defunto a sepultar, filho unico de sua mãe, que já era viúva: e vinha com ella muita gente da cidade. [13] Tendo-a visto o Senhor, movido de compaixão para com ella, disse-lhe: Não chores. [14] E chegou-se, e tocou no esquite. (Pararão logo os que o levavão,) Então disse elle: Moço, eu te mando, levanta-te. [15] E se sentou o que havia estado morto, e começou a fallar. E Jesus o entregou a sua mãe. [16] Pelo que se apoderou de todos o temor: e glorificavão a Deos, dizendo: Hum grande profeta se levantou entre nós: e visitou Deos o seu povo.

Meditação

Da educação dos filhos

Primeiro ponto

Considera que não há nos pais e nas mães obrigação mais importante nem mais essencial, mas talvez tampouco a há mais esquecida que a boa criação dos filhos. Cuida-se muito de sua vida; mas pouco ou nada de sua educação. Com tudo isso, dela depende quase toda a economia de sua vida e de sua salvação; ela é, por assim dizer, como a semente do vício ou da virtude.

Não há inclinação tão má que não a endireite a boa educação. As terras mais estéreis se fertilizam com o cultivo, e as mais férteis bastardeiam, produzindo matagais quando se deixam de cultivar. Atribuem-se ao mau natural as sinistras inclinações de um jovem; é engano, são fruto regular da má educação. Não se fez caso de endireitá-los quando ainda eram plantas tenras: que muito que crescessem tortas e que já mal se as possa endireitar!

Mal nascem os meninos, lançam-nos fora de casa e dão-nos a criar a pessoas desconhecidas, cujos costumes se ignoram por via de regra; depois admiramo-nos de que degenerem tanto de seu sangue e de que tenham pouco amor a seus parentes. Voltam a ela aos três ou quatro anos; mas que cuidado se põe em sua educação? Que lições se lhes dá? Que exemplos veem? Abandonam-nos de ordinário à mercê de uns criados de poucas obrigações e de costumes perdidos, ou buscam-se-lhes uns mestres ignorantes que mal sabem eles mesmos nem sequer os primeiros princípios. Que tal sairá a criação destes meninos? Mal abrem um pouco os olhos da razão, notam só

exemplos perniciosos e precisamente aprendem aquilo que deveriam ignorar toda a vida.

Um pai pouco devoto e talvez dissoluto; uma mãe embebida inteiramente no espírito do mundo, entregue ao jogo, à vaidade e às diversões, dará a seus filhos uma educação muito cristã? E depois queixam-se dos pesares com que os pagam quando estão mais adiantados em idade; e depois lamentam sua pouca religião, seu amor aos deleites, suas profanidades e suas dissoluções. Pois, pais e mães, haveis-lhes porventura ensinado outra coisa? Vossos filhos seguiram vossos exemplos; pois de que vos queixais? Se beberam o veneno, quem senão vós os brindou com ele? Mas que conta tão estreita haveis de dar a Deus destes homicídios. Uma educação descuidada, uma má educação perde mais almas que todas as ocasiões, que todas as tentações da vida. Raras vezes se apagam as primeiras impressões. Ó bom Deus, quantos pais e mães se condenaram por não haver dado a seus filhos uma cristã educação! Esta é a primeira e a principal obrigação de um pai e de uma mãe.

Segundo ponto

Considera que talvez não há pecados que sejam mais rigorosamente castigados nos pais e nas mães que o descuido em criar bem seus filhos. Deu-os Deus precisamente para que os criassem em seu santo temor; redimiu-os ele; seus são: confiou-te-os como em depósito e hás de dar-lhe conta deles: entregou-te-os para que desde meninos os instruísses nos princípios da religião, inspirando-lhes um grande horror ao pecado, um ardente amor à virtude, uma cristã aversão às máximas do mundo, endireitando-lhes aquelas primeiras inclinações que dizem tanto respeito e tanto se enlaçam com a salvação. Mas tu nem sequer consideraste como obrigação tua este cuidado; e ainda quando estavas vendo que aquele terreno só produzia espinhos e abrolhos, nem sequer te passou pelo pensamento arrancá-los. «Inutilmente, diz o Senhor, semeei naquele campo um grão capaz de dar cento por um; tudo se sufocou e não se deu ouvidos a minha voz; desgarraram-se as pobres ovelhas por não ser bem guiadas e apenas se descaminharam quando o lobo as despedaçou: *Sanguinem autem ejus de manu tua requiram;* mas a ti hei de pedir conta de seu sangue.» Quantos filhos devem sua condenação a seus mesmos pais!

Estão vendo um pai e uma mãe muito a sangue-frio a desordenada vida de seus filhos e mantêm-se muito serenos, dizendo que é mister dar algo à mocidade. Isto quer dizer em bons termos que é mister fechar os olhos a suas desordens porque estão numa idade em que cada dia hão de ser maiores; que é mister deixá-los seguir o mau exemplo porque com isso se precipitarão mais a cada dia; que é mister dissimular seus descaminhos porque ainda estão no princípio da carreira. Deixar-se-ia à discrição de um pobre menino um vaso de bebida envenenada? Pôr-se-lhe-ia nas mãos uma faca? Não seria crueldade? Não seria loucura? E, se se ferisse ou se matasse, não teria a culpa o que o havia posto na ocasião? Fácil é a aplicação. Heli era um venerável ancião irrepreensível em seus costumes e muito religioso nas funções de seu ministério; com tudo isso, com que rigor castigou Deus a insensível e covarde condescendência que teve com seus filhos? As desgraças, as tristes revoluções, as funestas quedas de tantas famílias desonradas, arruinadas e até totalmente extintas são os menores trabalhos com que Deus castiga os pais e são os frutos mais naturais da má educação. Estas reflexões não falam só com os pais de família; estendem-se também a todos os que têm empregos com súditos ou dependentes de quem cuidar. Deus meu, e quanto é de

temer o menor descuido nesta gravíssima obrigação!

Dignai-vos, Senhor, de dar-me luz para compreender todas estas consequências, inspirando-me um zelo ardente pela salvação de todos os que estão a meu cargo, para que nunca contribua a sua condenação nem atribuais seus desvarios a meu descuido ou negligência.

Jaculatórias

> *Fiat cor meum immaculatum in justificationibus tuis, ut non confundar.* Sl 118.

Fazei, Senhor, que nada tenha tão impresso na alma como o cumprimento de todas as minhas obrigações, para que não seja confundido por meus descuidos.

> *Delicta quis intelligit? ab occultis meis munda me, et ab alienis parce servo tuo.* Sl 18.

Quem pode conhecer perfeitamente tudo o que o faz réu em vossa presença? Purificai, Senhor, minha alma dos pecados que não conheço; perdoai-me os que não estorvei e aqueles de que fui ocasião ou causa.

Propósitos

1. Não há nos pais obrigação mais indispensável nem mais essencial que a de dar a seus filhos uma boa educação. Nenhuma coisa pode dispensá-los dela; nem a elevação, nem as dignidades, nem os empregos, nem a nobreza, nem os negócios. São os filhos um depósito que Deus vos confiou; há de pedir-vos conta dele; são vossos primeiros credores, e como a tais lhes deveis o cuidado, a vigilância, as instruções, os bons exemplos. Tende em boa hora caridade com todos os desvalidos; derramai largamente vossas esmolas entre todos os necessitados; sede como a alma de todas as funções piedosas, de todas as boas obras que se fazem na cidade. Se faltais à vossa essencial obrigação, fazei conta de que nada haveis feito; se não haveis dado uma cristã educação a vossos filhos, tudo perdestes. Nem penseis haver cumprido bastantemente com vossa obrigação dando-lhes mestres excelentes, se por vós mesmos não vos informais do modo com que vivem e de como se aproveitam do ensino: os mestres são vossos ajudantes; aliviam-vos, mas não vos exoneram; e assim deveis velar indispensavelmente sobre uma educação de que só a vós se há de pedir estreita conta. E será possível que nada te remorda a consciência sobre a que deste a teus filhos e a teus criados? O modo de ensinar e de corrigir serve infinito para fazê-lo mais ou menos eficaz. Se as correções são amargas, convém temperá-las com um modo suave, com um tom

moderado e com palavras atentas e corteses, para que se admitam e para que entrem em proveito. O desentono e as palavras ofensivas irritam, mas não emendam.

2. Tem grande cuidado de que teus filhos e teus criados se encomendem a Deus pela manhã e pela noite e de que a família reze todos os dias o rosário em comum, assistindo tu o primeiro a ele. Nunca te fies tanto dos preceptores que não examines por ti mesmo que educação dão a teus filhos; a obrigação daqueles não te isenta da tua. Informa-te se teus filhos frequentam os sacramentos, ao menos uma vez cada mês, e também que progressos fazem nas letras. Vergonha é que se passem anos inteiros sem que alguns pais saibam sequer que fazem seus filhos, nem lhes importe isso.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:19 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:19 by Admin